



SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA À BRASILEIRA A brazilian style childhood sociology

Eleonora das Neves **SIMÕES**

Rede municipal de Ensino
Prefeitura do Rio Grande
Rio Grande/RS, Brasil

noransimoes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6685-5923> 

Romilson Martins **SIQUEIRA**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Go)
Escola de Formação de Professores e Humanidades
Goiânia/Goiás, Brasil

romilsonmartinsiqueira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6878-9373> 

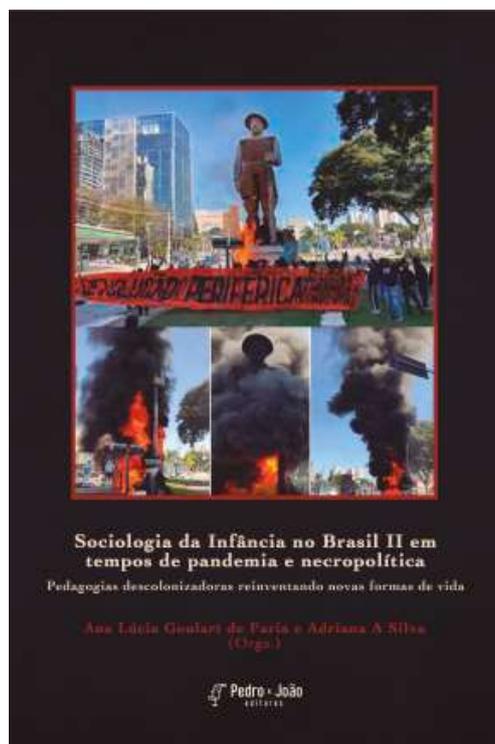
Rodrigo da Paixão **PACHECO**

Programa de Pós-Graduação em Educação
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Go)
Goiânia/Goiás, Brasil

adm.rodrigopp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7320-4157> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



Ana Lúcia Goulart de Faria; Adriana A. Silva
[Orgs.] **Sociologia da Infância no Brasil II
em tempos de pandemia e necropolítica.**
Pedagogias descolonizadoras reinventando
novas formas de vida. São Carlos: Pedro & João
Editores, 2021. 293p. Disponível em:
[https://pedrojoaoeditores.com.br/site/wp-
content/uploads/2021/10/Sociologia-da-
infancia-no-Brasil-II.pdf](https://pedrojoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2021/10/Sociologia-da-infancia-no-Brasil-II.pdf)

Acesso em: 21 ago. 2022.

RESUMO

O livro ora resenhado é o segundo volume da obra *Sociologia da Infância no Brasil*, e foi publicado com o intuito de comemorar os 25 anos do GEPEDISC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sociocultural, e festeja também o centenário de Florestan Fernandes e sua construção em torno do significado do conceito de culturais infantis. Os escritos reunidos neste volume, publicado pela Editora Pedro & João, promovem um debate em torno do conceito de necropolítica, ancorado em uma perspectiva descolonizadora. O tema da necropolítica constitui-se como eixo analítico e nos possibilita ampliar o sentido político que permeia os tempos, espaços e práticas políticas. Da mesma forma, acredita-se que as pedagogias descolonizadoras são chaves analíticas importantes para atravessar o momento da pandemia de COVID-19. A publicação e a leitura dessa obra são essenciais para repensar a questão da infância e seus processos educativos a partir de uma perspectiva crítica e emancipatória das crianças em diferentes contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da Infância. Pandemia. Necropolítica.

ABSTRACT

The book hereby reviewed is a second volume of the book “*Childhood Sociology in Brazil*” and was published with the purpose of celebrating the 25 years of GEPEDISC – Research and Study Group on Education and Socialcultural Differentiation, and it also celebrates the centenary of Florestan Fernandes and his construction around the meaning of the concept of child cultures (peer culture). The writings gathered in this volume promote a debate around the concept of necropolitics, anchored in a decolonizing perspective. The theme of necropolitics constitutes an analytical axis and allows us to expand the political sense that permeates times, spaces and political practices. In the same way, of this work are essential to rethink the issue of childhood and its educational processes from a critical and emancipatory perspective of children in different contexts.

KEYWORDS: Childhood sociology. Pandemic. Necropolitics.

INTRODUÇÃO

Esta resenha baseia-se na obra intitulada *Sociologia da Infância no Brasil II em tempos de pandemia e necropolítica. Pedagogias descolonizadoras reinventando novas formas de vida*, publicada em 2021. Trata-se de um segundo volume organizado por Adriana Alves da Silva e Ana Lúcia Goulart de Faria. O primeiro volume, *intitulado Sociologia da Infância no Brasil*, foi publicado em 2011, tendo como organizadoras Daniela Finco e Ana Lúcia Goulart de Faria.

O segundo volume, que está disponível nas versões físicas e *on-line*, inclusive para download gratuito, conta com um total de duzentas e trinta e nove páginas. A capa, com fundo preto, traz a escrita do título nas cores branca e vermelha. Traz ainda registros fotográficos de um momento em que um grupo faz uma manifestação de resposta à manutenção e idolatria de símbolos genocidas. Compreender o contexto de produção imagético é importante, já que as imagens dialogam e confluem com os textos que compõem o livro. Ambas as fotografias são de autoria do fotógrafo Gabriel Schlickmann.

A primeira fotografia é um movimento realizado no dia 24 de julho, em frente ao monumento de Borba Gato, na zona sul de São Paulo, capital. É possível visualizar uma faixa com o dizer “Revolução Periférica – a favela vai descer e não vai ser carnaval”. A

intenção do grupo era questionar por que idolatramos e mantemos estátuas gigantes de ícones como Borba Gato. As fotografias subsequentes tratam do momento em que a estátua ardia em chamas. Acresce-se a esse ato simbólico, a proposição de um abaixo-assinado de autoria de indígenas do povo Guarani de São Paulo, pedindo a retirada da estátua (RAMOS, 2021).

Cabe lembrar que Manuel de Borba Gato foi bandeirante, responsável pela matança de povos originários no processo de invasão às terras, para que outras capitanias se estabelecessem.

Com imagens impactantes e que desacomodam o pensamento logo na capa, o livro é publicado dez anos após o primeiro volume. Contando com quinze capítulos, o livro está dividido em prefácio, apresentação e outras três partes. De leitura provocativa e conscientizadora, os escritos perpassam diferentes temáticas, que têm um pano de fundo em comum: “[...] a dupla tragédia brasileira – da pandemia e do pandemônio ‘fascistoide’” (FARIA; ALVES, 2021, p. 13).

O “Prefácio” é de autoria de Maria Renata Alonso Mota, e a “Apresentação” nos contextualiza para os eixos e categorias de análise a partir dos quais as organizadoras do livro, Ana Lucia Goulart de Faria e Adriana Alves da Silva constroem o livro. A primeira parte possui quatro capítulos: “Sobre OyèrónkéOyěwùmí: por outras formas de ser e estar no mundo”, de autoria de Waldete Tristão Farias Oliveira; “TRANSversas: gênero e educação”, das autoras Elen Alves de Sousa, Eleonora das Neves Simões e Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior; “Venham pra Roda, vamos começar a brincar!: as danças populares e o encontro de gerações”, da autora Roberta Cristina de Paula, e “Corpo e Cuidado – Um desafio para a Sociologia (da infância?)”, escrito por Eduardo Pereira Batista e Leila Oliveira Costa. Na sequência, a segunda parte é composta por cinco capítulos: “A precarização do trabalho, desigualdades e dinâmicas de ação coletiva: lutas de fronteira e a Educação Infantil”, escrito por Eufrásia Gomes Costa, Helena Cristina Velardi dos Santos e Priscila Capeli de Paula Dias; “O brutalismo vai à escola”, de Carolina Catini; Direitos humanos em disputa: entre as lutas sociais e as políticas públicas”, de Edson Teles; “Desde o outro Lado: crianças e as imagens sobreviventes em meio a fagulhas e escombros”, escrito por Marcia Aparecida Gobbi, e “Infâncias e a cidade em tempos de pandemia do Corona Vírus: o direito à cidade em tempos sombrios”, da autora Maria Tereza Goudard Tavares. Finalizando os pensamentos e escritos que compõem a obra, a terceira parte contém outros quatro capítulos: “Por rastros do entre: histórias, memórias e o Ainda-Não no território das infâncias”, escrito por Heloísa A. Matos Lins; “Infâncias Migrantes, Territorialidades e

Interseccionalidades”, de Rosali Rauta Siller; “Situação de refúgio, infância e estrutura de sentimento”, de Susy Cristina Rodrigues, e “Localizar(-se) (n)o entorno: entre o agir para nada e o projeto pensado Traçados do primeiro ano do Projeto Lugar-Escola e Cinema”, do autor Wenceslao Machado de Oliveira Junior.

“Prefácio” e “Apresentação” “nos ajudam a pensar em outras formas de vida, pautadas nos direitos e na justiça social” (MOTA, 2021, p. 10). Destacam a invenção de uma Sociologia da Infância à brasileira (termo que deu nome ao título desta resenha), justamente pela contribuição de autores, autoras, pesquisadores e pesquisadoras brasileiros e brasileiras na problematização dos desafios das infâncias contemporâneas, em um momento muito particular vivenciado no Brasil: a pandemia de COVID-19, o retrocesso em termos de políticas públicas e a emergência de governos facistas que desqualificam as políticas de bem estar social e evocam a religião e o conservadorismo como bandeiras acima dos preceitos democráticos, republicanos e coletivistas.

O primeiro capítulo, intitulado “Sobre Oyèrónké Oyěwùmí: por outras formas de ser e estar no mundo”, é escrito por Waldete Tristão Farias de Oliveira. Partindo de referências africanas, mais especificamente a partir da cultura iorubá, e das pesquisas da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí, a escrita propõe uma aproximação com novos modos de compreender o papel social das mulheres nos contextos sociais. Como contraponto, aborda que as sociedades ocidentais se organizam a partir de outras dinâmicas, e que, na maioria das vezes, fluem para conjunturas patriarcais. O texto nos convida a pensar modos outros de vida, em que os papéis sociais não são definidos a partir do gênero ou do sexo. Ou, nas palavras da autora, compreender que “[...] o fato de uma pessoa possuir órgãos genitais masculinos ou femininos não a coloca automaticamente em lugares de regalias, status e posições de poder, e nem mesmo define privilégios hierárquicos e lugares de subordinação” (OLIVEIRA, 2021, p. 35).

Em “TRANSversas: gênero e educação”, Elen Alves de Sousa, Eleonora das Neves Simões e Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior propõem “Descolonizar o olhar a respeito da docência e a centralidade das discussões a partir do binarismo homem-mulher lança a problematização para outras possibilidades de constituição do eu docente” (ALVES; SIMÕES; YORK, 2021, p. 43). As autoras fazem jogo com as palavras e trazem recortes de notícias, acontecimentos e pesquisas para dialogar com e a partir de Sara Wagner York. O texto inspira-se e respira a experiência de vida e docente de Sara, para pensar e problematizar a educação e a docência a partir das marcas impostas pelo gênero binário.

Roberta Cristina de Paula escreve “Venham pra roda, vamos começar a brincar!”: as danças populares e o encontro de gerações”. Trata-se de um recorte de uma pesquisa realizada a nível de estudos de Mestrado, que investigou as danças populares nas obras de Mário de Andrade, intituladas *O turista aprendiz* e *Danças Dramáticas do Brasil*. Abordando a questão das danças populares, a autora ressalta o quanto esses espaços permitem a congregação das diferenças, utilizando-se também do recurso imagético com a reprodução de fotografias de danças de roda. Pontua que a dança é uma expressão lúdica, que pode e deve ser vivenciada por homens, mulheres, meninos e meninas, sob a ótica da afirmação da cultura e celebração da vida. Assim, convida os corpos a serem contagiados através da cultura lúdica, como forma de resistência às torturas impostas.

“Corpo e cuidado: um desafio para a Sociologia da Infância”, escrito por Leila Oliveira Costa e Eduardo Pereira Batista, é um ensaio que busca compreender as experiências com as crianças desde uma sociologia pública e reflexiva. Intentam e pontuam que não dizem pelas crianças ou no lugar delas, mas traçam uma narrativa de copresença, para abordar as questões do cuidado do corpo nas práticas (relações) educativas. Apontam para a urgência de pensar e problematizar as práticas de cuidado que colocam e produzem práticas e espaços opressores e excludentes. Os autores propõem pensar ações de cuidado que valorizem as diferenças como modo de contribuição à Sociologia da Infância.

A segunda parte do livro inicia-se com o texto intitulado “A precarização do trabalho, desigualdades e dinâmicas de ação coletiva: lutas de fronteira e a Educação Infantil”, de autoria de Eufrásia Gomes Costa, Helena Cristina Velardi dos Santos e Priscila Capeli de Paula Dias. A partir das pesquisas e trabalhos de Ruy Braga, as autoras abordam reflexões em torno da articulação traçada entre a precarização do trabalho e a educação. No texto, que contém gráficos-síntese, as autoras trazem certo panorama em torno das políticas públicas e das recentes designações legais em torno da organização da educação, para problematizar tanto a precarização dos modos de vida das infâncias brasileiras quanto trabalhistas.

Em “O brutalismo vai à escola (com notas acerca do infanticídio)”, de autoria de Carolina Catini, são colocadas as cartas na mesa que têm orientado o jogo: a naturalização da brutalidade na política educacional. Carolina Catini aponta como as estratégias de retorno às aulas presenciais tomam a vida como descartável. No jogo do empresariado, somos só mais um número. O texto destaca “[...] que o essencial é a vida, são as condições em que vivemos que nos permitiriam fazermos história e

interrompermos a produção de barbárie, ou sermos espectadores do aprofundamento do brutalismo como forma de vida” (CATINI, 2021, p. 144-145).

Edson Teles escreve o próximo capítulo, intitulado “Direitos humanos em disputa: entre as lutas sociais e as políticas públicas”, que tem como objetivo “compreender as relações elementares dos direitos humanos a partir da fricção entre as políticas públicas de Estado e a ação das lutas e dos movimentos sociais” (TELES, 2021, p. 148). Ao longo do texto, Edson Teles aborda que as lutas políticas em torno dos direitos humanos são fruto de relações de poder que produzem exclusões e resistências. De modo talvez contraditório, analisa como os discursos em torno dos direitos humanos são também utilizados para legitimar a violação de certos direitos.

“Desde o outro lado: crianças e as imagens sobreviventes em meio a fagulhas e escombros” é o título do texto subsequente, escrito por Márcia Aparecida Gobbi. Nas primeiras linhas, a autora destaca que o escrito é fruto de aula ministrada em plena pandemia de COVID-19, no modo remoto, na disciplina “Infância, pandemia e necropolítica no Brasil”, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Um artigo de sua autoria foi tomado como base para a problematização e discussão com discentes matriculados. O texto traz recursos imagéticos como fotografias e desenhos das crianças, intitulado pela autora como um “pensar por imagens” (GOBBI, 2021, p. 173), acerca de um acontecimento: o incêndio em um edifício público ocupado por famílias sem condições de moradia. Por meio das mãos e dos desenhos das crianças, Márcia Gobbi problematiza questões da precarização do trabalho e da moradia, fazendo um convite ao pensar os modos pelos quais as pessoas (adultos e crianças) são descartadas como coisas (pela morte).

Maria Tereza Goudart Tavares escreve o último capítulo da segunda parte, intitulado “Infâncias e a cidade em tempos de pandemia do Coronavírus: o direito à cidade em tempos sombrios”. O texto traça interrogações “acerca das relações das crianças pequenas com os espaços da cidade em tempos de pandemia do Novo Coronavírus” (TAVARES, 2021, p. 191). A autora destaca a preocupação frente à descaracterização das concepções que vêm fundamentando o trabalho na Educação Infantil, especialmente a partir da proposição das atividades remotas. A partir de uma problematização dos modos de vida na zona periférica da cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, analisa o trabalho das UMEIS no estabelecimento de relações com as crianças e as famílias.

A terceira parte do livro inicia com o texto de Heloísa A. Matos Lins: “Por rastros do entre: histórias, memórias e o Ainda-Não no território das infâncias”. A autora traz suas histórias como professora e pesquisadora a partir de reflexões acerca da infância. Apresenta um projeto com foco em literatura para infância e formação de professores e professoras. Heloísa utiliza ao longo da sua escrita diferentes linguagens: o recurso da transcrição de conversas, bem como imagéticos. Seu texto aponta, problematiza e traça reflexões a respeito dos movimentos e agenciamentos nos sopros do *entre*. A chave interpretativa da autora e as linhas de seu texto nos convocam a pensar as estratégias de transformação para a construção de novas linhas de fuga.

Rosalí Rauta Siller dá continuidade ao debate, com seu capítulo intitulado “Infâncias migrantes, territorialidades e interseccionalidades”. Seu texto advém da aula ministrada na disciplina na pós-graduação da UNICAMP, em 3 de dezembro de 2020, na modalidade *on-line*. Ao abordar especialmente os fluxos migratórios, a autora trabalha com os conceitos de território e desterritorialização. Assim, busca dar visibilidades às infâncias vividas nos movimentos migratórios, especialmente as crianças pomeranas, foco de seu estudo. A autora traça um panorama geral das migrações e sua história no contexto brasileiro. Finaliza problematizando a ideia de interculturalidade, com a defesa de uma proposição de Educação Infantil que enfatize “o direito à igualdade na diferença” (SILLER, 2021, p. 242).

O capítulo intitulado “Situação de refúgio, infância e estrutura de sentimento” e tem como autora Susy Cristina Rodrigues. Problematiza as alterações nos hábitos mentais e sociais em situações de insegurança e ameaça, incluindo-se pandemias e guerras. A autora apresenta os modos de enfrentamento do caos, a partir da estrutura de sentimento. Aborda os modos pelos quais crianças asiladas ou refugiadas produzem a si e a vida. Tais movimentos são complexos, já que inúmeras são as notícias de crianças que perderam os seus adultos de referência (pais, avós, tios) para situações caóticas e catastróficas, porém, situações em que elas (sobre)viveram. Compreender como estas crianças se posicionam, vivem e produzem o mundo nos ajudam a percorrer e analisar territórios em que as crianças contam com “a sorte de sobreviver” (RODRIGUES, 2021, p. 259).

“Localizar(-se) (n) o entorno: entre o agir para nada e o projeto pensado traçados do primeiro ano do projeto lugar-escola e cinema”, de autoria de Wenceslao Machado de Oliveira Junior, encerra a terceira parte e também o livro como um todo. Entrelaçando cinema, educação e infâncias, Wenceslao aborda ao longo do texto, uma parte do Projeto Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas. O texto traz

situações e vivências de cinema na instituição escolar. O autor destaca que sua aproximação com as crianças decorre de vivências em duas escolas de Educação Infantil, localizadas na periferia de Campinas, bairro Boa Vista. Problematizando e pensando os modos de fazer cinema, Wenceslao destaca que são os personagens-crianças que têm guiado e regido o modo de fazer cinema na escola. Ainda, destaca como o parque é um cenário presente em quase 80% das filmagens, e que as crianças estão presentes em 90% dessas produções. Numa espécie de captura do que é vivido, as filmagens têm sido produzidas dentro da ótica da não interferência nos processos emergentes. O autor analisa enquadramentos, cenários e personagens. As filmagens realizadas no lugar-escola “apontam quais as “coisas” que mais afetam os humanos que o habitam” (OLIVEIRA JR., 2021, p. 290).

Em uma síntese, percebe-se que os textos da primeira parte do livro versam em torno das temáticas de diferença e gênero, problematizando, (des)construindo e fazendo convites para pensar e fazer modos de (re)existir. A segunda parte problematiza a precarização do trabalho e da vida de homens, mulheres, meninos e meninas deste Brasil. Já os textos que compõem a terceira parte da obra discorrem em torno das territorialidades, interseccionalidades e infâncias. A resistência presente nessa obra nos convida a resgatar o papel das crianças na trama social em que constitui suas vidas. Essas tramas marcam modo desiguais, excludentes e discriminatórias. Esses elementos constroem discursos e práticas que a-sujeitam as crianças e aprisionam suas infâncias dentro de uma lógica em que se sobrepõem as macroestruturas e suas necropolíticas.

Essa obra nos ajuda a pensar qual o sentido de morte presente nos discursos e práticas sociais que invisibilizam o sentido de vida plena que deveria ser assegurado no campo dos direitos humanos e sociais da/na infância. A necropolítica é denunciada nessa obra por meio das práticas homogeneizadoras que conformam e regulam corpos, subjetividades e identidades.

Os textos perpassam temáticas que confluem para o desvelamento de outros modos de compreender a infância. Reafirmam, acima de tudo, um posicionamento crítico que busca superar as dicotomias entre objetividade-subjetividade. Para tanto, os textos expressam diferentes concepções de cultura e sua relação com os processos formativos na infância, principalmente quando problematizam os conteúdos e fundamentos da vida das crianças, tendo em vista o desocultamento das relações entre inclusão e exclusão presentes na desigualdade social capitalista.

Reafirma-se diferentes linguagens e, de certo modo, questionam também o modo de produzir e fazer pesquisa no âmbito acadêmico congregando ao longo da obra transcrições, fotografias, desenhos das crianças, charges, gráficos, etc., que expressam modos de (re)existir também na escrita.

As fotografias de enfileiramento que compõem a capa do livro são metamorfoseadas e nos convidam para (re)conhecer novas linhas de fuga possíveis. Os autores convocam a desacomodar e ao mesmo tempo (re)inventar. Aguçam nossa capacidade humana imaginativa e inventiva para pensar modos outros de vida que tem como base o pensamento do singular no coletivo e do coletivo no singular de modo não-binário.

Apesar de o livro estar dividido em três partes, e cada parte abordar uma temática, o conjunto da obra colabora e produz a construção de uma Sociologia da Infância à Brasileira como anunciado pelas organizadoras Ana Lúcia Goulart de Faria e Adriana Alves da Silva, que também se perfaz como título desta escrita-resenha. Produzidos em meio a pandemia de COVID-19 os textos nos convocam a pensar modos outros de (re)existir frente a barbárie e ao caos. Assim, indica-se a leitura para todos aqueles/as interessados/as nas temáticas das infâncias e sua educação, perpassando diferentes áreas de formação, não sendo exclusivo ao âmbito da Pedagogia.

Por fim, essa obra nos convida a (re)existir no campo de exigência de um outro mundo possível firmado nos princípios da dignidade humana, da ética solidária, do respeito e reconhecimento das diferenças, no campo da diversidade e na luta contra todas as formas de barbárie que assolam nossa humanidade.

REFERÊNCIAS

FARIA, Ana Lucia Goulart de; SILVA, Adriana A. da [Orgs.] **Sociologia da Infância no Brasil II em tempos de pandemia e necropolítica**. Pedagogias descolonizadoras reinventando novas formas de vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 293p. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2021/10/Sociologia-da-infancia-no-Brasil-II.pdf> Acesso em: 21 ago. 2022.

RAMOS, Beatriz. **Fogo no Borba Gato 'é uma resposta da sociedade a uma indignação coletiva'**, diz Erica Malunguinho. Matéria no site Ponte. Julho de 2021. Disponível em: <https://ponte.org/fogo-no-borba-gato-e-uma-resposta-da-sociedade-a-uma-indignacao-coletiva-diz-erica-malunguinho/> Acesso em: 21 ago. 2022.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA À BRASILEIRA

A brazilian style childhood sociology

Eleonora das Neves Simões

Doutora em Educação
Prefeitura do Rio Grande
Rio Grande/RS, Brasil

noransimoes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6685-5923>

Romilson Martins Siqueira

Doutor em Educação
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Go)
Escola de Formação de Professores e Humanidades
Goiânia/GO, Brasil

romilsonmartinsiqueira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6878-9373>

Rodrigo da Paixão Pacheco

Mestre em Serviço Social
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Go)
Goiânia/GO, Brasil

adm.rodriogpp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7320-4157>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Amapá, 388 – Bairro Hidráulica, 96212-160, Rio Grande – RS.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: E. N. Simões, R. M. Siqueira, R. P. Pacheco

Coleta de dados: E. N. Simões, R. M. Siqueira, R. P. Pacheco

Análise de dados: E. N. Simões, R. M. Siqueira, R. P. Pacheco

Discussão dos resultados: E. N. Simões, R. M. Siqueira, R. P. Pacheco

Revisão e aprovação: E. N. Simões, R. M. Siqueira, R. P. Pacheco

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 17-11-2022 – Aprovado em: 20-11-2022